

LABIRINTOS DA MEMÓRIA: A MINHA GERAÇÃO E O DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA

Ivan Domingues
Universidade Federal de Minas Gerais
domingues.ivan3@gmail.com

RESUMO *O artigo fornece a avant-première da celebração dos oitenta anos da Faculdade bem como do Departamento, criados ao mesmo tempo em 1939 e federalizados em 1949. Mais especificamente, trata-se de um exercício memorialístico, consistindo em minhas lembranças pessoais, organizadas em torno de quatro tópicos: [i] a minha chegada ao Departamento para fazer a graduação, na velha FAFICH, na rua Carangola, em 1971; [ii] o ambiente do Departamento nos anos 70 e 80, quando o Mestrado foi criado e o Curso de Graduação puxava o carro, havendo grande abertura para atividades de extensão; [iii] a criação do Doutorado nos anos 90, as mudanças de escala das atividades do Departamento, os feitos mais importantes da nossa Pós e os principais desafios da atualidade; [iv] a questão da Memória do Departamento, a precariedade dos registros, a corrosão das lembranças pessoais, as iniciativas em curso para preservá-las e a necessidade de criar a sala da memória.*

Palavras-chave *Departamento de Filosofia da UFMG, Criação e Federalização, Minha Geração, Graduação e Ambiente do Departamento nos Anos 70, Criação do Mestrado, Mudança para o Campus, Criação do Doutorado, Questão da Memória.*

ABSTRACT *The paper gives everyone the avant-première of the celebration of FAFICH's eightieth anniversary as well as the Philosophy Department, created at the same time in 1939 as the School and federalized*

in 1949. More specifically, the paper is a memorial exercise, consisting of my personal memories, assembled around four topics: (i) my arrival at the Department to do the undergraduate course in the old FAFICH at Carangola Street in 1971; (ii) the Department atmosphere during the 70's and 80's when the Master's Degree was created and the Undergraduate course was at its peak, opening up many opportunities for extension activities; (iii) creation of the Doctorate Program/PhD in the 90's, the change of scale in the Department activities, the most important achievements of our Graduation level and the main challenges nowadays; (iv) the Department memory issue, the lack of registered records, the erosion of personal memories, the ongoing initiatives to preserve them, and the need to create our Memory Hall.

Keywords *UFMG Philosophy Department; Creation and federalization; My generation; Undergraduation course and the Department atmosphere in the 70's; Creation of Master's Degree; Moving to the Pampulha Campus; Creation of Doctorate / PhD; Memory issue.*

Nosso Departamento celebrará 80 anos em 2019 e as duas mesas que serão consagradas nesta tarde à Memória de sua história recente, a graduação e a pós-graduação incluídas, deverão ser vistas como a *avant-première* de uma eventual celebração futura: nesta tarde, atendo-nos a três gerações; no próximo ano, se ocorrer, com um escopo bem maior, ao recuar o exercício mnemônico até a época heroica da fundação, num tempo em que nem mesmo o termo Departamento existia, mas Seção, Seção de Filosofia, com Arthur Versiani Vellôso na linha de frente.

A ideia, quando idealizamos as mesas, era dar a cada um de nós toda autonomia ao tratar do assunto, considerando a trajetória pessoal, os *feelings* pessoais e as próprias lembranças arquivadas ao longo do tempo e que agora estarão de volta em nossas falas, ao celebramos os 25 anos do Doutorado e os 50 anos de 1968.

No meu caso específico, tendo compartilhado com Carlos Drawin, que é meu amigo, muita coisa da história do Departamento ao longo de quatro décadas, quando iniciamos a carreira de professor, e portanto bem mais do que os 25 anos do Doutorado – e eu que sou prata da casa, havendo realizado minha Graduação e o Mestrado na mitológica FAFICH da Rua Carangola –, a ideia é recuar minhas lembranças até o início dos anos 70, quando entrei

no Curso de Graduação e anos depois no de Mestrado, e em seguida subir no curso do tempo, até os nossos dias. Tudo somado, serão cinquenta anos, o que não é pouca coisa, e fatalmente muito daquilo que foi vivenciado e considerado importante um dia tombou nas águas do *Léthé* ou delas bebeu e hoje está esquecido. Este é o meu caso. Mas quem garante que alguém não vai lembrar e o recalcado não irá voltar um dia?

Ao fazer essa caminhada, vou retomar alguns pontos já tratados na mesa desta manhã, expandir os registros e as análises, cruzando a história do Departamento e o ano de 1968, e ir além, bem mais além, ao considerar os anos 90 e as duas primeiras décadas do século XXI – tudo isso com bastante liberdade, ao sabor de minhas lembranças pessoais, e sem ter combinado nada, antes, com ninguém.

O tom que vou dar à minha fala será bastante coloquial, como vocês vão notar, mas com a circunspeção requerida pela circunstância de um evento celebrativo e de uma maneira organizada, por tópicos, um total de quatro, como segue:

[i] a minha chegada ao Departamento para fazer a graduação, na velha FAFICH, na rua Carangola, em 1971;

[ii] o ambiente do Departamento nos anos 70 e 80, quando o Mestrado foi criado e a Curso de Graduação puxava o carro, havendo grande abertura para atividades de extensão;

[iii] a criação do Doutorado nos anos 90, as mudanças de escala das atividades do Departamento, os feitos mais importantes da nossa Pós e os principais desafios da atualidade;

[iv] a questão da Memória do Departamento, a precariedade dos registros, a corrosão das lembranças pessoais, as iniciativas em curso para preservá-las e a necessidade de criar a sala da memória.

Começo então pelo [i] primeiro tópico: a minha chegada ao Departamento e o Curso de Graduação em Filosofia.

Andando a passos largos, digo então:

Como antecipado, eu entrei no Departamento em 1971, numa época em que a Graduação funcionava em dois turnos, o diurno e o noturno, e eu escolhi o noturno. É importante ressaltar, para vocês entenderem o viés de minhas lembranças e o meu “lugar de fala”, como se diz hoje, que eu não nasci em Belo Horizonte, mas no interior, nas proximidades da capital, em Pedro Leopoldo: antes separada de Belo Horizonte, como quando eu decidi fazer filosofia e me mudei para a capital; hoje cidade-dormitório e parte da área metropolitana.

Pois bem, em Pedro Leopoldo, desde jovem, em plena adolescência, eu fui muito ligado a um grupo de esquerda católica, conhecido como JUPEL, com o qual Carlos Drawin tinha ligações, mas mais refratárias. JUPEL, ou seja, Juventude pedroleopoldense, com influência marcadamente dominicana, cabendo ressaltar a proeminência de Frei Mateus Rocha, cujo nome está associado à JUC, JOC e JEC, tendo como braço político a antiga AP¹. Mais do que qualquer outro agrupamento – até mesmo a JEC, que congregava os estudantes secundaristas, e a maioria dentre nós era secundarista, liderada porém por universitários ligados de uma maneira ou de outra à JUC –, a JUPEL marcou profundamente minha formação pessoal, como já tive a oportunidade de reconhecer em depoimentos e em entrevistas, bem como em matérias de minha lavra pessoal publicadas recentemente num jornal de Pedro Leopoldo, ao celebrar os cinquenta anos da JUPEL. E o que é importante: celebrar justamente o ano de 68, ao comemorar o jubileu de ouro do grupo, e como, aliás, nós no Departamento ao celebrarmos amanhã e depois o ano de 1968.

Então, foram essas bagagens que eu trouxe para o Departamento quando decidi fazer filosofia na UFMG: as bagagens da esquerda radical e o espírito ou a alma de 68, como passei a me referir a mim mesmo desde então, e foi esse ambiente que eu encontrei no Departamento em companhia de meus colegas e mais ainda na velha FAFICH.

O ponto é que, sobre as tais bagagens, se em Pedro Leopoldo e na JUPEL eu me sentia um tanto dissidente, não sendo exatamente um católico, mas meio ímpio, com tendências ateias, materialistas e o marxistas – estes, um tanto incipientes, com efeito –, ao chegar a Belo Horizonte e no ambiente da FAFICH o pouco que restava da teologia da libertação da JEC/JUC e da AP católica foi embora. No mesmo passo, logo eu troquei os documentos de base (da AP, no caso), o Vaticano II e o método de Paulo Freire, que nos havia chegado em Pedro Leopoldo pelo dominicano frei Mateus, conforme acabo de comentar, logo eu os troquei – repito – pelos meus três Ms que eu descobri na Rua Carangola, como eu já disse numa entrevista, no Departamento de

1 Precisando as siglas: AP = Ação Popular, na origem ligada à esquerda católica, tendo Pe. Vaz como um dos seus mentores, conforme reconhece Betinho, e mais tarde juntando-se à sigla primitiva mais duas letras, M e L = Ação Popular Marxista Leninista, finalmente nos anos setenta incorporada ao PC do B; JUC = Juventude Universitária Católica. JOC = Juventude Operária Católica e JEC = Juventude Estudantil Católica, tendo Frei Mateus como grande inspirador e criadas por ele em Minas Gerais. No tocante a Pedro Leopoldo, a influência de Frei Mateus foi indireta, através de terceiros e admiradores, não digo exatamente discípulos, tendo sido através do frade que o método de Paulo Freire chegou até nós e chegou a ser praticado por membros do grupo. Por fim, ressalto que o nome de Frei Mateus está associado à UnB, tendo ele sido um dos seus fundadores, ao lado de Darcy Ribeiro, e chegado a ocupar os cargos de Reitor e Vice da Universidade recém-fundada.

Filosofia, de algum jeito, bem como no famoso “murinho” da Faculdade, a saber: Marx, Mao e Marcuse.

Ao dizer essas coisas, eu resumo a questão política com a qual me deparei naqueles anos iniciais de minha formação, num ambiente pesadamente marcado pela repressão – eram os anos de chumbo e todo mundo tinha medo – juntamente com a resistência ativa e meio anárquica da esquerda radical, não exatamente católica, mas em sua maioria maoísta e trotskista. Eu meio vacilante entre as duas vertentes e em cujas montantes, ao descer o rio do tempo, vamos encontrar em suas águas profundas as duas principais matrizes do ano 1968 que estamos celebrando como segunda efeméride: uma, a Califórnia e a contracultura; outra, Paris e a política – matrizes essas que não são exatamente uma novidade, o próprio Cohn-Bendit as assinala ao reconhecer a influência de Berkeley no maio de 68 francês, e das quais vamos tratar amanhã e depois, especificamente, em duas mesas a elas consagradas.

Penso que uma e outra eram as duas vertentes que estavam em jogo naqueles anos e que dominavam a cena do movimento estudantil dentro e fora da filosofia: de um lado, a esquerda festiva, a Califórnia, São Francisco, a revolução dos costumes e a tríade “Sexo, Drogas e Rock’n roll”, tendo como ícone o mitológico festival de Woodstock, que teve lugar em agosto de 1969 nas imediações de Nova York e prestes a fazer cinquenta anos; de outro, a esquerda dita séria e radical, com Paris, o maio famoso, o álcool e o filme *A chinesa*, de Godard, na linha de frente, sonhando com armas, sequestros e o Araguaia, uns lendo Lênin e Mao e outros Trotsky e Mandel – a minha tese, a qual vou comentar na mesa sobre o 68 na França, cujo epicentro é maio, à diferença do Brasil, que é dezembro do AI-5, o fatídico dia 13, é que a Califórnia e São Francisco venceram, com a revolução dos costumes, que nunca mais foram os mesmos, inclusive no Brasil.

Quanto a mim, pessoalmente, muito embora a questão política, da ditadura, dos anos de chumbo e da resistência, armada ou não, estivesse sempre nos horizontes e na cabeça de todo mundo, minhas considerações finais sobre esta matéria não poderiam ser mais claras, depois de decantadas as hesitações e de ver firmadas as decisões ao longo do tempo: é que, cedo, por gosto pessoal e vocação profunda, não podendo me contentar com as certezas ideológicas, que exigem rendição total, eu fui levado a trocar a militância e a guerrilha que nunca tive e fizera, mas que me assombravam, pelos estudos e os bancos da academia. Desde então, a filosofia e a crítica, em que eu vejo o cerne do ofício do intelectual, ficaram em primeiro plano, para nunca mais sair. Não obstante, continuei com alma 68, indelével e persistente, a acompanhar minhas escolhas e afinidades eletivas, dentro e fora da filosofia. Ao lado de

mim, como ao longo de minha vida, estava Carlos Drawin que, desde os tempos de Pedro Leopoldo, despertava a minha inveja e ele mesmo estava certo de sua precedência e seu *status* superior diante de todos nós, por ter sido preso, e nós não. Dentro do Departamento, conhecido pelo indiferentismo político e alienação arraigada, havia o Centro de Estudos Filosóficos, no qual atuei como estudante e do qual fui presidente, com muitas iniciativas que questionavam o dia a dia do Departamento, como o conservadorismo, em meio aos arroubos juvenis contra a hierarquia e o autoritarismo, aliás em plena sintonia com o espírito de 68.

Lembro-me então que foi neste cenário que realizamos um evento com ampla participação dos estudantes e grande preocupação dos professores, cujo foco era justamente as relações pedagógicas e a didática defasada. Entrementes, enquanto nos ocupávamos de outras frentes na organização do evento, solicitamos ao colega Carlos Volney Soares, que já anunciava o grande artista em que logo se tornará e hoje é professor aposentado da EBA, a confecção de um cartaz de divulgação. O cartaz provocou imenso furor entre os estudantes e, ao mesmo tempo, grande escândalo entre os professores: nada menos que “O Pensador” de Rodin sentado sobre um vaso sanitário.

Passado tanto tempo, ao voltar a esse episódio impactante e seu cartaz iconoclástico do qual infelizmente nada restou, mais uma vez, em meio às solicitações dos dois eventos celebrativos dos 25 anos do Doutorado e dos 50 anos de 1968, eis que – e justamente fazendo o liame de Carlos Volney com outros acontecimentos importantes da história do Departamento e da própria Faculdade – me veio à mente o mitológico Congresso de Ibiúna, que ocorreu em outubro de 1968 na cidade com o mesmo nome, no interior de São Paulo: Congresso da UNE, para sermos mais precisos, que terminou com 800 estudantes presos. Ora, conforme vim a confirmar depois, lá estava presente, nesse Congresso famoso, o nosso Carlos Volney, que estudava no Departamento, bem como na Escola Guignard, chamado pelos amigos e colegas mais chegados de Da Vinte, e adivinhem por quê. Estou comentando essas coisas, para desfazer a ideia de que em Ibiúna não tinha ninguém da filosofia; tinha Carlos Volney, que lá estava como delegado do DA da Escola Guignard, do qual ele era o Presidente. O certo é que Volney não apenas estava lá, mas foi preso, dividiu cela com Valdo Silva, João Batista dos Mares Guia e o futuro professor do Departamento de Psicologia, Romualdo, tendo eles feito greve de fome e sido liberados uma semana depois.

Terminando com os liames, ressalto que, entre os estudantes que participaram das várias reuniões preparatórias do dito Congresso ocorridas nas dependências da Faculdade – lideradas pela UEE [União Estadual de

Estudantes], que era proibida – e que foram presos naqueles tempos funestos, pré-AI-5 e de resistência, estava Carlos Drawin, aqui ao meu lado. É isto, Drawin, que certamente irá comentar daqui a pouco, em seu depoimento, a invasão da FAFICH pela Polícia Militar no dia 05 de outubro, a uma semana do Congresso, com 700 pessoas sitiadas, ele lá dentro, no subsolo, e sua prisão depois, quando foi levado para o DOPS. Deixo para ele os detalhes deste episódio famoso que depois fez história e é lembrado por todo o mundo de minha geração.

Quanto ao mais, acerca da política, quase nada mais eu teria a dizer: diferentemente da USP, onde houve 22 cassações e aposentadorias pelo AI-5, como nos casos de Bento e Giannotti, precedidas pela aposentadoria de Cruz Costa em 1965, deixando o Departamento combalido, ou como no caso da UFS, em Aracaju, com o Departamento inteiro fechado por duas décadas, o nosso teve um professor compulsoriamente afastado, porém continuou em sua trajetória ascendente, em meio a muito medo, mas atuante. E o que é importante: com a Faculdade vigiada e alunos perseguidos, como Magda Neves, que foi expulsa com base no Decreto 477, alguma coisa como o AI-5 para a academia e os estudantes. Quanto aos professores da UFMG, levantamentos recentes registram 17 docentes aposentados por força do AI-5, dos quais 3 da Faculdade, incluindo o ex-diretor Pedro Parafita de Bessa, que tinha resistido à invasão do Prédio um ano antes. Destes três aposentados, o professor do Departamento afastado foi Guido Antônio de Almeida em setembro de 1969, junto com 14 colegas de diferentes unidades, quando ele estava na Alemanha, fazendo doutorado: a acusação era de cunho moral, mais do que político, lançada por uma colega da FAE, ao dizer que em suas aulas, desde os tempos do Colégio de Aplicação ele vinha corrompendo os jovens ensinando a moral de Sartre – a moral da liberdade –, que pregava o amor livre. Algo como um marxismo *avant la lettre* ao anunciar os dias de hoje e por isso, mesmo licenciado, ele foi aposentado. Luiz de Carvalho Bicalho, que nos anos cinquenta fora dirigente máximo do Partido Comunista em Minas Gerais, e que poderia ter sido mais um, foi poupado nessa leva, por estar desligado do Partido, e continuou nos anos setenta ensinando Sartre e Marx – tempos de minha Graduação, quando dele me aproximei, tendo sido ele depois meu orientador de Mestrado e de quem fui amigo até o fim de seus dias.

Deixando a política de lado e passando para o [ii] segundo tópico, quando vão misturar as minhas duas perspectivas, como aluno, Graduação e Mestrado, e como professor do Departamento, contratado em 1978, conforme comentei nesta manhã, gostaria de ressaltar cinco coisas que irão marcar profundamente sua história no período: iniciada na década de 40 e se estendendo aos anos

70-80, ao fazerem a transição da época heroica – desde a sua fundação, na época da Casa de Itália e do Acaiaca, com Vellôso na linha de frente, como foi lembrado, e isto até os anos 60 – àquela que poderia ser chamada de fase da estabilização institucional e de sua maturidade, sem a necessidade de heróis e fundadores, atingida quando o Doutorado foi criado, no início dos anos 90.

De saída, o fato notório e a todos os títulos essencial de o Departamento naqueles tempos, anos 70, ser antes de tudo um Curso de Graduação, maior do que hoje, com mais de trinta professores, uma boa parte sem DE, funcionando em dois turnos, manhã e noite.

Associado a este, dois traços ou características fundamentais definiam o corpo de professores da época. Por um lado, a sua componente clerical e católica, não digo de todos eles, mas de um segmento expressivo, como os padres Vilella e Clóvis, somando-se-lhes os chamados *défroqués* e ainda laicos simpatizantes, incluindo entre estes Vellôso – a lembrar que, a despeito de seus *bullyings* recorrentes contra as beatas da Igreja da Boa Viagem, Vellôso era católico e em filosofia alinhado ao espiritualismo francês, à *la* Bergson, um dos seus filósofos preferidos, em cuja corrente bastante ampla ele acomodava Kant e Schopenhauer – e sendo o maior expoente de todos os clérigos o Pe. Vaz, contratado por Velloso em 1965, e desde então atuou no Departamento até se aposentar, em 1985 (outras biografias falam em 1964-1986, como as da Unisinos e a da Wikepedia). Por outro lado, a sua componente autodidata e diletante, bem entendido, não no sentido de seus representantes não terem frequentado escola e universidade, aprendendo a filosofia por si mesmos e por seus próprios meios, mas autodidata e diletante pela metade, por assim dizer, vindos de outras áreas e consagrando-se à filosofia integral ou paralelamente: provenientes da medicina, uns; do direito, outros, como aliás Vellôso; e de seminários católicos, outros, com a filosofia funcionando, como nos tempos da segunda escolástica e na Idade Média, nos velhos moldes da *ancilla theologiae*.

Acrescento então, e este ponto é decisivo, que esta situação era característica não só de nosso Departamento, mas de quase todos, à exceção da USP e da UNICAMP, de São Paulo, que nasceram e cresceram de um outro jeito, e à diferença do nosso, da UFRJ e da UFRGS, para ficarmos com os mais conhecidos: todos eles criados a partir de fins dos anos 30 e sobretudo no curso dos anos 40, do jeito como puderam, como Cursos de Graduação, com poucos estudantes e formando pouquíssimos no início, cerca de meia dúzia em São Paulo, três no primeiro ano na UFMG, entre eles Luiz de Carvalho Bicalho, e meia dúzia no segundo; sem escala e massa crítica, num tempo em que as universidades eram um grande colégio, consagradas ao ensino de uma habilidade, não havia curso completo de Pós-Graduação,

nem de Mestrado, menos ainda de Doutorado, e isso por mais de trinta anos; no entanto, havia doutores, mas eles eram poucos, logo transformados em regentes de cátedra, em suas diferentes proveniências, uns vindo de outras áreas, como o Direito, ou do exterior, depois de concluírem seus doutorados em Louvain e na Gregoriana de Roma, ou através do instituto do doutorado direto e, por vezes, da livre-docência, um e outro conferidos pela congregação da Faculdade, que montava as bancas e controlava tudo; este expediente não era uma exclusividade da Filosofia, havendo a mesma coisa na Medicina, no Direito e na Engenharia, nem era uma exceção da UFMG, havendo a mesma coisa na UFRJ e também na USP, como nos casos de Cruz Costa (1942) e Lívio Teixeira (1944), e sendo na UFMG este os casos de Vellôso, de José Henrique Santos (depois de passar dois anos na Alemanha) e de Luiz de Carvalho Bicalho (Livre-docente).

Tal situação caracterizada pelo autodidatismo e o diletantismo não condenavam o Departamento nem à mediocridade, nem à marginalização. Nada disso. Daqui a pouco, ao concluir o tópico vou falar do Mestrado, que significará uma inflexão e o início de uma mudança profunda neste estado de coisas. Agora ao comparar o Mestrado, criado em 1974, com a Graduação, não é exagerado ou incorreto dizer que o Departamento era, nestes tempos, antes de tudo um Departamento de Graduação, e como tal um Departamento sumamente atuante e uma presença viva na vida da cidade. O sinal disso eram seus cursos de extensão, com as aulas e os auditórios cheíssimos, e a solicitação dos nossos professores em eventos e iniciativas da cidade, fora dos muros da academia, digamos assim, e também por diferentes áreas do conhecimento da própria Universidade: em áreas das humanidades, notadamente, ao darmos vazão à estratégia toldada para os anos de chumbo, em que todo mundo vivia ameaçado pelo arbítrio e seus atos de força, na fase mais dura do regime militar, visando tal estratégia –idealizada por José Henrique Santos, então na chefia, depois Vice-Reitor e Reitor da Universidade – o espraiamento de nossas atividades didáticas por toda a UFMG, para nos preservar e nos fortalecer, como foi comentado nesta manhã. Um outro sinal, já nos anos 80 e antes mesmo da fundação da ANPOF, foi a presença da SEAF (Sociedade de Estudos e Atividades Filosóficas) em nosso Departamento, com o protagonismo de Anchieta, Sônia Viegas (que foi a presidente da SEAF-MG), contando com a presença constante de Pe. Vaz como conferencista, além de outras eminências como Lebrun, em suas estadas em São Paulo, que uma vez foi convidado pela seção mineira para proferir uma conferência sobre Nietzsche: eu estava por aqui na época e fui à conferência, guardando até hoje em minha memória que ela foi instigante, beirando o espetacular, com Lebrun na melhor de sua forma; contudo, de fato, antes da conferência,

Lebrun não estava tão à vontade assim, pois conforme eu vim a saber mais tarde, através do pessoal de São Paulo, de fato Lebrun estava apreensivo, pois tinham dito a ele que Pe. Vaz iria à conferência.... e a fama de Vaz como *scholar* já corria o país, tendo chegado aos ouvidos de Lebrun, que temia a presença dele, Vaz. Até hoje não sei se Pe. Vaz foi à conferência, imagino que não, mas esta história circula e deverá ser reavivada e integrar a memória de nosso Departamento.

Por último, a quinta coisa que eu gostaria de comentar tem como vedete e grande protagonista, não mais Lebrun e a conferência sobre Nietzsche, mas a criação do Mestrado, como dito, em 1974.

Como é sabido, a criação não foi um ato isolado, mas organicamente ligado ao processo de implantação do SNPG da CAPES, tendo como arcabouço jurídico o famoso parecer Sucupira – de autoria de um alagoano ilustre que todo mundo prezava e hoje nome da conhecida plataforma da CAPES, para horror e resistência dos coordenadores de Pós –, nos quadros da Reforma Universitária de 1968 – olha o ano famoso aí de volta –, acerca do qual haveria muito ainda o que dizer, mas que, por falta de tempo, não vem ao caso acrescentar mais nada, só registrar a sua importância.

Sobre o nosso Mestrado e seu impacto na vida do Departamento, depois de tê-lo comparado com a Graduação, quando ele foi algo diminuído, às dimensões de quase um anexo, podem ser apontados em seu favor – e, portanto, realçados – três processos e seus resultados de uma maneira ou de outra associados à sua criação. Primeiro, a criação do Mestrado abriu as portas para a instauração de um processo novo e irresistível que levou ao fim do autodidatismo e da improvisação e, paralelamente, ao início da filosofia profissional entre nós e, como em outros lugares do mundo, caracterizada – para o bem ou para o mal – pelo gosto e o cultivo de uma filosofia técnica. Segundo, a clientela do Mestrado, composta por nossos estudantes, egressos da graduação, com a vocação de formar as pratas da casa com o potencial de um dia serem contratados e passarem a atuar em nosso Departamento e alhures, ou então de continuar com a formação das pratas da casa já contratadas, como foram o meu caso e os de Carlos Drawin, Newton Bignotto, Telma Birchal, Rodrigo Duarte, Lívia Guimarães e outros tantos mais, somando-se-lhes o contingente vindo de universidades e faculdades de Belo Horizonte, bem como do interior do Estado. Terceiro, a centralidade do grupo de Louvain que desde a criação do Mestrado passou a ter um papel de grande relevo no Departamento e mais ainda na Pós: estou pensando em Hugo Amaral, José de Anchieta Correa, Hugo César e Walter Evangelista, que estudaram em Louvain, como Balthazar no Sul e Landim no Rio, por outros meios, sem o

apoio da CAPES e do CNPq, conforme vou explicar daqui a pouco, e em sua maioria tendo Jean Ladrière como orientador, considerado uma verdadeira lenda.

Ainda sobre o grupo de Louvain, à exceção de Hugo Amaral e José de Anchieta, que eram ligados à UFMG quando foram para lá, Anchieta depois de preso pela ditadura, além do acolhimento desses colegas em um momento difícil da história de nosso país, e não só de Minas Gerais, é preciso ressaltar a ajuda de várias ordens ministrada pela Universidade belga: ela mesma católica e havendo nessas ações a mediação bem como o protagonismo de entidades católicas brasileiras. Este é ponto e deve ser ressaltado, assim como a situação de precariedade vivenciada por alguns desses colegas, visto que, conquanto importante tal ajuda, mas de pequena monta, tal situação forçava vários deles a se virarem como podiam, a exemplo de Walter Evangelista, que segundo consta ganhava a vida ou seu sustento, por algum tempo, fazendo limpeza no aeroporto de Bruxelas. Eu teria muito ainda o que dizer sobre o grupo e sua atuação decisiva na constituição do Mestrado, ao aumentar a necessária massa crítica exigida pela CAPES, mas vou parando por aqui, ficando a recomendação de que vale a pena e é absolutamente o caso de a gente abrir um grande espaço para o grupo em apreço, ao criarmos uma sala da memória, como vou propor ao concluir a minha fala.

Por fim, terminando o tópico, eu gostaria de lembrar que o primeiro coordenador do Curso de Mestrado foi Pe. Vaz, que chegou ao nosso Departamento pelas mãos de Vellôso, ambos conterrâneos de Ouro Preto. Tal se deu num tempo em que Pe. Vaz morava em Nova Friburgo, atuando já algumas décadas no Seminário dos Jesuítas na serra fluminense e depois condenado ao silêncio obsequioso pelas autoridades da Igreja, em razão de seu envolvimento com a JUC e a AP. Foi nesse cenário adverso que Vaz foi contratado e aqui exerceu a segunda parte de seu magistério em filosofia por cerca de 20 anos, atraindo uma legião de admiradores e passando a ser o grande nome da filosofia de Minas Gerais e de nosso Departamento. Então, nada mais natural, com o prestígio e o reconhecimento que ele tinha em diferentes meios, não só locais e *interna corporis*, mas também nacionais e mesmo internacionais, do que dar-lhe a primazia de número 1 e fazer dele o primeiro coordenador, contando que ele aceitasse. E o que de fato ocorreu, ao dar início com a criação do Mestrado à segunda fase da história do Departamento: a que estou chamando de fase institucionalizada e caracterizada pela difusão da filosofia técnica, a qual irá pôr fim ao diletantismo e à improvisação da fase heroica.

Passo agora ao [iii] Doutorado, em relação ao qual serei mais breve, posto que já falei demais dele, hoje, pela manhã. Vou limitar-me a ressaltar quatro tópicos, ao voltar aos impactos advindos de sua criação, considerando as mudanças proporcionadas, a recomposição dos grupos que passaram a constituir o núcleo duro da Pós-Graduação, os feitos ou as realizações mais importantes que lhe podem ser atribuídas e os principais desafios da atualidade. Primeiro, as mudanças, e antes de tudo mudanças de escala, acarretando novos patamares das atividades do Departamento: nacional, inicialmente, desde a contratação de professores até o nosso corpo discente, pondo fim ao provincianismo que na origem o caracterizava, e internacional, finalmente, há algum tempo e que define a nossa agenda atual. Segundo, a recomposição do corpo docente e do núcleo duro da pós-graduação, pondo fim à endogenia, bem como ao autodidatismo, quatro grupos em suma: 1 - a velha guarda, que em fins dos anos 80 e no início dos anos 90, depois das aposentadorias, era representada sobretudo pelo grupo de Louvain, já referido e dilatado com a inclusão de Sebastião Trogo, que estudou na Universidade de Lovaina em outro momento, como bolsista da CAPES, e tendo também Jean Ladrière como orientador; 2 - o grupo da Paraíba, composto por Thereza Calvet, José Chasin e Ester Vaisman, que foram transferidos de João Pessoa para cá, através de uma engenharia institucional sempre complexa para casos como esses – e com um tal volume de transferidos, não um, mas três indivíduos, da qual participou José Henrique Santos, que era Reitor na época –, com o objetivo de aumentar a massa crítica da Pós, exigida para criação do Doutorado; 3 - o contingente dos novos doutores, vindos de outros países da Europa, dos Estados Unidos e do próprio Brasil (USP), em boa parte já professores do Departamento, mas não exclusivamente, contando-se entre eles eu mesmo, vindo da França (lembro-lhes que fui eu quem abriu a porteira, antes ninguém ia para lá, só para Louvain e Roma, e foi Giannotti quem ajudou a abrir a porteira, ao me dar a carta de recomendação), e depois foram as vezes de Newton Bignotto, Paulo Margutti, Livia Guimarães, Rodrigo Duarte e Telma Birchal; 4 - o grupo dos jesuítas, composto por quatro professores: Marcelo Perine, Marcelo de Aquino, Werner Spaniol e Pe. Vaz, então aposentado, e que foram atraídos com o mesmo intuito de aumentar a massa crítica. Terceiro, os principais feitos ou realizações: por um lado, para ficarmos com as mais inequívocas, o ranqueamento do nosso PPG no topo do sistema de avaliação da CAPES, no início com 5 estratos e atualmente com 7, aparecendo a UFMG com nota 5 no 1º sistema e recentemente com 6-7, quando todo mundo passou a olhar a UFMG em fins de 1990 como a gente olhava a UFRGS no início daqueles anos, como modelo a ser seguido; por outro lado, as premiações dos nossos

doutores, na UFMG e especialmente na CAPES, tendo sido o nosso programa o único do Brasil a ser laureado com o Grande Prêmio CAPES Teses, em Filosofia e em 2011, especificamente, e o agraciado foi Lincoln Frias, com a tese *A ética do uso e da seleção de embriões*, orientada por Telma Birchall. Quarto, acerca dos desafios e especialmente os novos, eles são inúmeros e de complexidades diferentes, contando, além da internacionalização, a necessidade de nos prepararmos para novas agendas da pesquisa, sem perder a nossa identidade e o enraizamento na tradição: assim, a questão do gênero e das minorias, a par da abertura para temas e pesquisas interdisciplinares, como o que levou o PPG a ser agraciado com o Grande Prêmio CAPES Teses.

Por fim, [iv] a questão da Memória do Departamento, a precariedade dos registros, a corrosão das lembranças pessoais, as iniciativas em curso para preservá-las e a necessidade de criar a sala da memória. Todas elas de grande relevância, só que não tenho mais tempo e por isso serei brevíssimo, quase que taquigráfico. Sobre a memória, a precariedade dos registros e a corrosão das reminiscências, todo mundo sabe como cuidamos mal da nossa memória coletiva e deixamos acabar em chamas a fina flor do nosso patrimônio, como bem o mostra o exemplo do incêndio do Museu Nacional. Nada mais natural, portanto, que o mesmo ocorra com a Filosofia e o nosso Departamento, com o pouco que temos guardado em arquivos mortos, e estes, para sorte nossa, estão amarelados, mas guardados, e não destruídos pelas traças e pelo fogo.

Ao pensar na precariedade dos registros, e pior ainda na inexistência pura e simples deles, sempre me vem à mente o exemplo de Michel Foucault, hoje uma sumidade mundial que por aqui esteve nos anos 70. Precisamente, em 1973, na FAFICH, algum dia entre 29 e 31 e maio, segundo os registros, Rua Carangola, no auditório do sub-solo da velha Faculdade, totalmente tomado e saindo gente pelo ladrão, quando falou da morte do homem e do seu último livro. Recentemente, quando eu fui atrás de alguma documentação e de ao menos uma foto daquele momento único da passagem de Foucault em Belo Horizonte – eu que estava lá, junto com Carlos Drawin, e o contexto da busca de tal registro era o livro que eu estava escrevendo sobre Foucault e *As palavras e as coisas* –, descobri para minha decepção, por mais que procurasse, que não havia uma única foto e nada que pudesse documentar sua passagem pela Faculdade. Simplesmente, naquela época não havia celulares e a inflação de imagens dos dias de hoje, quando o problema é de triagem e de seleção, ao passo que para o passado é o oposto que ocorre e impera. Vem a ser o problema do resgate e da preservação, e neste quadro é necessário e mesmo urgente, como mostra o exemplo de Foucault, que a gente faça alguma

coisa no Departamento e na Faculdade, senão nada sobrar e nenhuma história poderá ser contada sobre nós mesmos.

Por outro lado, passado algum tempo, desde quando entrei para o Departamento, eu venho notando as pessoas mais concernidas e algumas iniciativas de preservação da memória estão em curso. Para ficar com alguns exemplos do meu conhecimento, temos o busto de Kant e a placa que dele faz parte, cuja história absolutamente singular – hoje a “original”, depois que a verdadeira, que estava na antiga Königsberg, agora Kaliningrado, foi destruída na segunda guerra mundial – está sendo resgatada por Patrícia e a quem lhe foi dada a honra de publicar uma matéria especial sobre o mesmo busto na revista *Kant Studien*. Tem mais: há os registros acerca de Arthur Versiani Vellôso, o nosso *founding father* e cuja memória José Henrique Santos e Rodrigo Duarte ajudaram a preservar, ao consagrar-lhe dois estudos publicados na revista *Kriterion*, respectivamente em 1992 e 1997². E há ainda o livro que eu mesmo estou supervisionando sobre Luiz de Carvalho Bicalho, ao atender a uma solicitação da filha dele, Solange, instada pelo ex-Reitor Cid Veloso, já falecido, devendo a Editora UFMG publicar o livro daqui a uns tempos com o apoio do nosso PPG. Some-se a isso tudo os vários volumes, da lavra pessoal de Sônia Viegas, e que as filhas dela editaram, com a ajuda de nosso saudoso colega, Marcelo Pimenta.

2 Ainda sobre Arthur V. Vellôso, seu papel de *Founding father* e seu legado filosófico, ressalto que eu mesmo já me ocupei do mestre em *Filosofia no Brasil: legados e perspectivas*, que veio a lume em 2017 pela Editora UNESP e com a segunda edição a sair em breve. As referências são encontradas sobretudo no 4º Passo: Os anos 1930-1960 e a instauração do aparato institucional da filosofia ... Ao longo das mesmas o leitor irá deparar-se com as duas faces – qual um Janus bifronte –do filósofo mineiro, a saber: a iluminista e solar do kantiano, ao se dar a missão de educar as mentes e espalhar as luzes pelas montanhas e os geraes das Minas; a sisuda e católica, em que trata de acomodar a segunda escolástica e o espiritualismo francês. No plano político, diretamente ligado ao seu papel de fundador do Departamento (denominado nos tempos heroicos, até o início dos sessenta, Seção de Filosofia) bem como da velha FAFI, esta junto com outros colegas, será preciso considerar o seu alinhamento ao fascismo, num tempo, antes da segunda grande guerra, em que toda intelectualidade ou era comunista ou era fascista, senão integralista, como Dom Helder e muitos outros. Este assunto espinhoso eu já tratei no livro e pretendo a ele voltar na segunda edição, assim como no *paper* sobre mestre Vellôso, como era chamado em seu círculo, que pretendo publicar em breve, no qual o *Founding father* será o foco principal. Nestas duas ocasiões, deverei acrescentar a informação, compartilhada por José Henrique Santos, seu pupilo e sucessor na Academia Mineira de Letras, segundo a qual na entrada do prédio onde funcionava a então FAFI à rua Tamoios, testemunhando o alinhamento ideológico-político dos fundadores da velha Faculdade, havia uma placa de bronze com a frase “Il Duce ha sempre ragione”. O chefe tem sempre razão, fazendo lembrar o mantra do comércio, mas que no caso de Mussolini era outra coisa no mundo da política que estava em jogo (comando e obediência). Segundo José Henrique, a informação acerca da placa lhe foi passada por Luís de Carvalho Bicalho, então aluno da Faculdade, primeira turma, mais tarde colega, e o ano era 1939. Contudo, não vem ao caso entrar em detalhes acerca desse assunto desconfortável nos limites desse artigo, que visa celebrar a efeméride dos 25 anos do Doutorado de Filosofia, ao reconhecer os legados do Prof. Vellôso. Como dito, a ele vou voltar em próximo *paper*, assim como na segunda edição do livro *Filosofia no Brasil*. Fica apenas registrado aqui o essencial e a informação adicional de que o livro de José Henrique Santos, a sair em breve pela Loyola, terá o título de *O paraíso perdido*.

Foi pensando nessas coisas, entusiasmado com os dois eventos e as duas efemérides que estamos celebrando, ao aproveitar pois o embalo, que eu gostaria de propor à Câmara do Departamento a criação, em algum lugar – pode ser o gabinete da *Kriterion*, razoavelmente grande, e em coabitação com a revista, ou em outro espaço, a verificar – da sala da memória do nosso Departamento. Parece que a Diretoria quer fazer alguma coisa parecida para a Faculdade; se é verdade, a nossa sala poderia ser transferida para lá. Se não, ficaria aqui, com a gente, e todo mundo iria gostar.³

3 Sobre a sala da memória e a possível iniciativa paralela da própria Faculdade, um pouco depois do evento, pude confirmar que é isso mesmo: está planejada pela Diretoria a implantação de um Espaço da Memória da FAFICH no segundo andar da Biblioteca, com projeto do setor responsável da Reitoria já aprovado. Sobre outras iniciativas, cabe ressaltar a publicação do livro de autoria de Miriam Campolina, publicado em 2019 pela Conceito Editorial e intitulado *Sônia Viegas – Uma pensadora da cultura*.

